

# **JORGE DE SENA, LIBERDADE DE PENSAMENTO NOS MÉDIA E A COMUNIDADE (INTER)CULTURAL DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Lurdes Macedo**

Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias, Universidade Lusófona, Porto, Portugal  
Concetualização, análise formal, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

**Nuno Bessa Moreira**

Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal/Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias, Universidade Lusófona, Porto, Portugal  
Concetualização, análise formal, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

**Vanessa Ribeiro-Rodrigues**

Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias, Universidade Lusófona, Porto, Portugal  
Concetualização, análise formal, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

---

## **RESUMO**

Jorge de Sena (1919–1978), um dos mais multifacetados intelectuais portugueses do século XX, deixou um legado que, de acordo com certos autores (Baltrusch, 2019; Santos, 2019), merece ser explorado mais aprofundadamente para que seja apurada a dimensão do seu contributo para o património da cultura da língua portuguesa. Autor proscrito pelo regime de Salazar, com vasta obra produzida entre Portugal, Brasil e Estados Unidos, demonstrou desde cedo a sua liberdade de pensamento, recusando sacrificá-la a filiações políticas, apadrinhamentos sociais ou correntes literárias. Se, por um lado, essa liberdade foi incompatível com uma pátria ditatorial que lhe usurpou o lugar de pertença, por outro, permitiu-lhe fazer propostas inovadoras à época, como a constituição de uma comunidade (inter)cultural de língua portuguesa. Assim, a partir da constatação de que o pensamento de Jorge de Sena sobre esta comunidade permanece sob um espesso manto de esquecimento, encontrando-se ainda por sistematizar e divulgar, é proposta a hipótese de caber aos média, e ao tratamento que deram e continuam a dar a este intelectual, uma parte da responsabilidade por esse desconhecimento. Para testar a nossa hipótese, procedemos ao mapeamento, leitura, análise de conteúdo e consequente interpretação de vários conteúdos nos média, da autoria de, ou sobre, Jorge de Sena, desde 1942 até aos dias de hoje, dividindo esse período entre antes e após o 25 de Abril de 1974. Primeiro, constata-se que durante o período ditatorial, Sena nunca deixou de exprimir a sua liberdade de pensamento nas peças que assinava. Depois, textos sobre Jorge de Sena da autoria de outros enfatizam mais o seu percurso de vida do que o seu pensamento e o seu legado intelectual.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Jorge de Sena, média, liberdade de pensamento, comunidade (inter)cultural de língua portuguesa

---

# **JORGE DE SENA, FREEDOM OF THOUGHT IN THE MEDIA AND THE PORTUGUESE-SPEAKING (INTER)CULTURAL COMMUNITY**

## **ABSTRACT**

Jorge de Sena (1919–1978), recognised as one of the most versatile Portuguese intellectuals of the 20th century, left a legacy that, as some scholars argue (Baltrusch, 2019; Santos, 2019),

warrants deeper investigation to fully understand his impact on Portuguese-language cultural heritage. Outlawed by the Salazar regime, Jorge de Sena built an extensive body of work across Portugal, Brazil, and the United States, asserting his intellectual independence from an early age by resisting political affiliations, social patronage, and literary trends. While this defiance clashed with the oppressive regime that denied him a place to live in Portugal, it also enabled him to propose forward-thinking ideas, such as establishing a Portuguese-speaking (inter)cultural community. Thus, based on the observation that Jorge de Sena's views on this community remain largely overlooked and have yet to be systematically explored and disseminated, we hypothesise that the media, through their treatment of this intellectual figure, are partially responsible for this lack of recognition. To test our hypothesis, we mapped, read, analysed, and interpreted various media content by or about Jorge de Sena from 1942 to the present, dividing this period into two phases: before and after April 25, 1974. Firstly, it is evident that during the dictatorial period, Sena consistently expressed his freedom of thought in the works he produced. Secondly, texts about Jorge de Sena written by other authors emphasise his life journey more than his intellectual contributions and legacy.

#### KEYWORDS

Jorge de Sena, media, freedom of thought, Portuguese-speaking (inter)cultural community

## 1. INTRODUÇÃO

Podereis roubar-me tudo:  
as ideias, as palavras, as imagens,  
e também as metáforas, os temas, os motivos,  
os símbolos, e a primazia  
nas dores sofridas de uma língua nova.  
—Jorge Sena, “Camões Dirige-se aos Seus Contemporâneos”

“Podereis roubar-me tudo” é o primeiro verso de “Camões Dirige-se aos Seus Contemporâneos” (Sena, 1988b), escrito por Jorge de Sena<sup>1</sup> (1919–1978), em 1961, e que, de acordo com Jackson (2020), poderá ser interpretado como lamento e profecia autorreferenciais. O autor esclarece que Sena, à época a residir no Brasil por força das circunstâncias políticas perpetradas pelo Estado Novo, ver-se-ia como autor de destino intelectual comparável ao de Camões, seu ídolo e objeto de estudo: ambos foram proscritos, “roubados” pelos seus pares e obrigados ao exílio, aguardando-os, contudo, um futuro auspicioso na cultura da língua portuguesa, após o reconhecimento póstumo da dimensão e da originalidade das respetivas obras. Passados 50 anos sobre o fim da ditadura que levou Sena a expatriar-se, e 45 anos volvidos desde o seu desaparecimento, importa concluir, em concordância com Jackson (2020), que tal reconhecimento, no seu caso, se encontra à mercê de um Portugal que “não sabe precisamente o que fazer dessa figura, bússola e voz de denúncia gigantesca” (p. 162).

É certo que em determinados círculos académicos e intelectuais — nomeadamente em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos —, o reconhecimento da obra poética e ficcional de Sena é inquestionável; todavia, conforme evidenciam alguns autores

<sup>1</sup> Doravante Sena.

(e.g., Baltrusch, 2019; Jackson, 2020; Santos, 2019), outros elementos fundamentais do seu legado intelectual permanecem esquecidos. As diversas interdependências entre Portugal, o Brasil, as então colónias e as diásporas, e suas implicações na construção da comunidade (inter)cultural de língua portuguesa<sup>2</sup> — preocupações expressas por Sena em numerosos textos e intervenções públicas ao longo do seu itinerário intelectual — serão aspetos que configuram uma arquitetura de pensamento ainda por estudar (Cunha et al., 2018; Macedo, 2023; Macedo & Moreira, 2024).

Neste sentido, os versos em epígrafe ilustram o problema que este artigo pretende lançar: o pensamento de Sena sobre a C(I)CLP, em muitos aspetos antecipatório e inovador, permanece invisível, apesar do debate que esta comunidade tem gerado e no qual outros autores se têm notabilizado.

Cumprir destacar que a denominação proposta para esta comunidade não poderá ser diretamente atribuída a Sena, uma vez que resulta da interpretação do conteúdo de variadas peças produzidas pelo autor ao longo do seu itinerário intelectual. Por cautela científica, a C(I)CLP defendida por Sena não deve ser confundida com a ideia de “lusofonia”, quase sempre geradora de tensões e fraturas. Como notam Macedo e Moreira (2024), no período em que Sena defendeu as suas ideias, a controversa noção de “lusofonia” ainda não tinha sido integrada no léxico da língua portuguesa. Aliás, os autores questionam se a “lusofonia” mereceria a plena adesão do autor, caso ele tivesse participado nos debates por esta suscitados: se, por um lado, as propostas por si ensaiadas não correspondem de forma linear à ideia de “lusofonia”; por outro, esta tem desencadeado acesas polémicas em Portugal, no Brasil e nos países africanos de língua oficial portuguesa, por cuja autonomia cultural Sena propugnava. Segundo, como também defendido por Macedo e Moreira (2024), porque o autor foi propondo a C(I)CLP de forma gradual e consentânea com a sua temporalidade e historicidade, tomando por ponto de partida as possibilidades de aceitação comum de um património cultural assente na sua dimensão e diversidade, num período prévio à globalização que introduziu a noção de “interculturalidade”. Assim se justifica o prefixo “inter”, colocado entre parêntesis na adjectivação desta comunidade, que Sena imaginou a partir das suas virtualidades culturais.

Dos textos conducentes à proposta da C(I)CLP, destaque-se “Possibilidades Universais do Mundo Luso-Brasileiro” (Sena, 1988a), escrito em data desconhecida entre 1959 e 1965, em que Sena sugere a concertação cultural e linguística entre Portugal e o Brasil. Simultaneamente, antecipa a independência das então colónias portuguesas em África, alegando as potencialidades de uma comunidade de língua e cultura resultante dos impérios coloniais europeus menos exposta ao risco de identificação com os “pavores do capitalismo euro-americano” (Sena, 1988a, p. 195), por nela existirem condições favoráveis à salvaguarda da diversidade cultural.

Neste conspecto, impõe-se uma questão: quais as razões que conduzem a que o pensamento de Sena sobre a C(I)CLP, componente estruturante do seu legado intelectual, permaneça na sombra?

<sup>2</sup> Doravante C(I)CLP.

A primeira constatação prende-se com o facto de Sena não ter procedido à sistematização do seu pensamento sobre a C(I)CLP, nem promovido articulações conducentes a tal tarefa. À falta de sistematização desse pensamento, disperso em variados textos e intervenções públicas do autor, caberá, com efeito, parte da responsabilidade pelo desconhecimento sobre as suas propostas de reflexão acerca desta comunidade. Note-se, no entanto, que este estudo não pretende sistematizar o pensamento de Sena sobre a C(I)CLP, trabalho que urge fazer e para o qual temos a intenção de contribuir, mas que ainda agora começamos.

Assim, não surpreende que, no dizer do próprio autor, embora pela voz de Camões, as ideias lhe poderiam ser roubadas. A este propósito, sublinhe-se que Boschi (2022), em texto sobre os precursores da comunidade de países de língua portuguesa, não inclui Sena, ignorando o pioneirismo de “A Comunidade de Estados Portugueses”, publicado no jornal oposicionista ao regime *Portugal Democrático*, em agosto de 1960. Tal facto valida a profecia dos seguintes versos do poema até aqui evocado: “e podereis depois não me citar/suprimir-me, ignorar-me, aclamar até/outros ladrões mais felizes”. Concomitantemente, a ideia de usurpação intelectual, traduzida nestes versos, remete para um universo em que mensagens forjadas na liberdade de pensamento são silenciadas em ditadura e em democracia só têm alcance se mediatizadas na esfera pública discursiva. Com efeito, os média fazem parte da cultura e, pela sua função de informar, são promotores da construção social da realidade (Berger & Luckmann, 1966) e da criação de comunidade (Kovach & Rosenstiel, 2014), tendo o poder de visibilizar ou invisibilizar pessoas e ideias.

Sendo Sena um intelectual proscrito pelo regime autocrático português, o seu pensamento não poderia ter destaque nos média da época, na medida em que vigorava “um aparelho ideológico e repressivo assente numa base legislativa pouco elaborada, e muitas vezes de interpretação arbitrária, levada a cabo por um conjunto de agentes e de mecanismos de pressão, que podiam ir até à interferência direta de Salazar” (Lima, 2013, p. 114).

Assim, a investigação apresentada neste artigo tem por objetivo testar a hipótese de uma das razões para o pensamento de Sena sobre a C(I)CLP permanecer na sombra se relacionar, em parte, com o tratamento dado a este intelectual pelos média, desde o início do seu percurso como intelectual, em 1942, até à atualidade. Para testar esta hipótese, procedeu-se ao mapeamento dos conteúdos identificados durante esta investigação, da autoria de, ou sobre, Sena, em vários média, durante um arco temporal de mais de 80 anos (Tabela 1), bem como à análise do seu conteúdo e à sua interpretação crítica.

|                              | DATA                       | CONTEÚDO                                                                | GÉNERO                 | MEIO                                    | País       |
|------------------------------|----------------------------|-------------------------------------------------------------------------|------------------------|-----------------------------------------|------------|
| ANTES DE 25 DE ABRIL DE 1974 | 1942, maio                 | “Poemas de África, de António de Navarro”                               | Recensão crítica       | <i>Aventura</i> , Número 1              | Portugal   |
|                              | 1942, maio                 | “Ambiente, de Jorge Barbosa”                                            | Recensão crítica       | <i>Aventura</i> , Número 1              | Portugal   |
|                              | 1942, fevereiro            | “Porto Grande (S. Vicente de Cabo Verde)”                               | Conto-crónica          | <i>O Mundo Português</i> , Número 98    | Portugal   |
|                              | 1944, maio                 | “A Ilha que Perdeu o Equador”                                           | Conto-crónica          | <i>O Mundo Português</i> , Número 125   | Portugal   |
|                              | 1960, agosto               | “A Comunidade de Estados Portugueses”                                   | Artigo de opinião      | <i>Portugal Democrático</i> , Número 39 | Brasil     |
|                              | 1968, abril                | Vários                                                                  | Vários                 | <i>O Tempo e o Modo</i> , Número 59     | Portugal   |
|                              | 1972, 16 de julho          | “Jorge de Sena Disse Aquilo que Disse”                                  | Entrevista             | <i>Notícias</i>                         | Moçambique |
|                              | 1972, 19 de julho          | Entrevista a Jorge de Sena                                              | Entrevista             | Rádio Clube de Moçambique               | Moçambique |
| APÓS 25 DE ABRIL DE 1974     | 1974, 28 de dezembro       | “As Eleições”                                                           | Artigo de opinião      | <i>Diário Popular</i>                   | Portugal   |
|                              | 1976, 09 de setembro       | Entrevista a Jorge de Sena                                              | Entrevista             | RTP                                     | Portugal   |
|                              | 1977, 06 de maio           | Entrevista a Jorge de Sena                                              | Entrevista             | <i>Diário Popular</i>                   | Portugal   |
|                              | 1977, 02 de junho          | Entrevista a Jorge de Sena                                              | Entrevista             | <i>Diário de Notícias</i>               | Portugal   |
|                              | 1978, 16 de junho          | <i>A Ideia e a Imagem, Especial Jorge de Sena</i>                       | Magazine televisivo    | RTP                                     | Portugal   |
|                              | 2005                       | <i>O Escritor Prodigioso</i>                                            | Documentário           | RTP                                     | Portugal   |
|                              | 2009, 12 de setembro       | “Póstuma Reconciliação com Jorge de Sena”                               | Notícia                | <i>Diário de Notícias</i>               | Portugal   |
|                              | 2018, 11 de outubro        | “A Liberdade na Vida e Obra de Jorge de Sena”                           | Ensaio                 | Comunidade Cultura e Arte               | Portugal   |
|                              | 2019, de 2 a 9 de novembro | <i>Especial Jorge de Sena: O Século de um Intelectual Indispensável</i> | Oito artigos e ensaios | <i>Público</i>                          | Portugal   |

Tabela 1. Mapeamento de conteúdos nos média analisados nesta investigação

Tendo Sena cultivado a liberdade de pensamento ao longo do seu itinerário intelectual, sendo, por isso, um autodeclarado opositor ao regime ditatorial português, condição que resume nos versos “no entendimento de outros, na coragem/de combater, julgar, de penetrar/em recessos de amor para que sois castrados”, procedeu-se ainda à comparação dos resultados obtidos entre dois períodos distintos: antes e após 25 de Abril de 1974.

Note-se que este trabalho não pretende constituir-se como uma revisão bibliográfica, exaustiva ou circunstanciada, sobre a forma como Sena perspetivou a questão da liberdade. Tal como observado por Picchio (2012), esta é uma questão que, em Sena, assume contornos de complexidade e variedade, estando alicerçada em expressões múltiplas, que só um estudo de maior envergadura poderia delimitar. Neste artigo, interessa antes perceber alguns momentos de um itinerário no decurso do qual a liberdade de pensamento esteve presente e foi central. Sobre este tópico, interessa também enfatizar a estreita ligação

entre pensamento e poesia em Sena, como é possível referendar nos seus versos de um outro poema, “Quem a Tem”, escrito em 1956 quando ainda vivia em Portugal: “não hei de morrer sem saber/qual a cor da liberdade” (Sena, 1958/2023, linhas 1–2).

## 2. JORGE DE SENA E A COMUNIDADE (INTER)CULTURAL DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS MÉDIA DURANTE O REGIME DITATORIAL

Sena revelou, desde muito jovem, interesse pela cultura dos então territórios coloniais portugueses. Este interesse estaria ligado à sua experiência precoce de contacto com esses territórios e com o Brasil. De acordo com Lourenço (1987), Sena

entra aos 17 anos para a Escola Naval ( ... ). Primeiro classificado do seu curso, parte, a 2 de Outubro de 1937, no navio-escola Sagres, ( ... ) – viagem que durará até Fevereiro do ano seguinte, proporcionando-lhe um primeiro contacto com a África (Cabo Verde, S. Tomé, Angola), o Brasil e as Canárias, e acima de tudo com o Mar. (p. 7)

Da análise dos primeiros anos do percurso intelectual de Sena, é possível destacar, logo à partida, o seu interesse pelas então colónias: a sua estreia na recensão crítica, incidente em obras de poetas africanos ou ligados a África, logo em 1942, no Número 1 da revista *Aventura* (Macedo & Moreira, 2024). Depois, há a salientar o quanto a experiência e o imaginário coloniais lhe serviram de inspiração para a escrita dos contos-crónica<sup>3</sup> “Porto Grande (S. Vicente de Cabo Verde)”, publicado pela primeira vez no Número 98 de *O Mundo Português*, de fevereiro de 1942, e “A Ilha que Perdeu o Equador”, sobre São Tomé e Príncipe, dado à estampa no Número 125 do mesmo periódico, em maio de 1944<sup>4</sup>.

Sena revelou-se, desde cedo, um intelectual possuidor de vasta cultura, notável erudição, e invulgar capacidade de atualização face às novidades editoriais. Assim, como notam Macedo e Moreira (2024), a escolha da recensão crítica a obras literárias comparece em Sena como natural, dado este género textual se caracterizar pelo acompanhamento do quotidiano literário, permitindo aliar uma dimensão informativa a uma perspetiva hermenêutica. Os autores salientam ainda o facto de este género se configurar mais resguardado da censura, à época muito atuante, permitindo a Sena o exercício da sua liberdade de pensamento.

A estreia de Sena como crítico literário tomou por objeto *Poemas de África*, de António de Navarro, e *Ambiente*, do caboverdiano Jorge Barbosa. Na recensão a *Poemas de África*, Sena reconhece ao seu autor a virtude da originalidade, reiterando-lhe a necessidade de uma nova abordagem a África, sem as instrumentalizações características do cânone vigente:

Navarro é um poeta que nos dá o mundo, não pela compreensão poética da existência deste, mas pela compreensão de uma expressão poética

<sup>3</sup> Denominação dada por Macedo e Moreira (2024), dado o seu hibridismo entre o conto breve e a crónica de viagem.

<sup>4</sup> Estes contos-crónica viriam a ser reunidos com “Atlântico”, escrito em 1960, num tríptico intitulado “Duas Medalhas Imperiais, com Atlântico”, na coletânea *Andanças do Demónio*, publicada no mesmo ano.

interior determinada pela sua existência no mundo ( ... ). Mas este livro não é só o livro de um admirável poeta. São “poemas de África”. E a África, tem sido, entre nós, tratada poeticamente? (p. XLVII)

Sena enfatiza também o tópico da liberdade para afirmar que o autor de *Poemas de África* não se deixa aprisionar, num tempo de “aprisionamento medroso dentro da liberdade obtida” (p. XLVII).

Quanto a *Ambiente*, de Jorge Barbosa, Sena envereda pela validação do título da obra — “porque o livro nos dá, de facto, um ambiente, e o autor está, na sua poesia, identificado com ele” (p. XLIX), para, de seguida, nos confrontar com a condição existencial do intelectual das colónias, figura que o poeta caboverdiano incarnava (Macedo & Moreira, 2024). Sena antecipa, não só cronológica, mas também ontologicamente, que em Barbosa a pertença ao meio caboverdiano não se coloca em causa, nem atinge de modo algum o desenraizamento, mas manifesta-se através de um conflito próprio da insularidade. O crítico literário demonstra uma sintonia com os propósitos do poeta recenseado, interpretando a sua *inadaptação* como “protesto de solidariedade” com o povo do seu arquipélago, revelador do “mistério da coexistência”, ambos concretizados numa resposta lírica ao problema da opressão colonial: “a sua poesia aproxima-se da gente cabo-verdiana e ( ... ) aponta, um por um, os prisioneiros de um terra seca” (p. XLIX).

Quanto aos contos-crónica sobre as colónias insulares portuguesas em África, importa abordá-los pelo seu carácter de denúncia. Não é por acaso que, no primeiro conto, “Porto Grande (S. Vicente de Cabo Verde)”, Sena descreve a sua chegada e a sua partida desta localidade, sendo suprimida qualquer intriga do que aconteceu *in medias res*. À chegada a este território, o narrador encontra-se numa posição privilegiada de observação, do alto do mastro, lugar panorâmico, onde é possível sentir liberdade. Já na partida, existe uma referência fugidia, mas impressiva e relevante, ao encontro entre duas etnias, deixando em suspenso o desenlace: “no cais, no último dia, crioula e flébil com a criança ao colo, cujos cabelos louros brilhavam de um navio que viera do Norte, disse-me – Mas leva, leva... – e estendia-me aqueles olhos azuis num corpinho esfarrapado e escuro” (Sena, 1942/1960, p. 196). Percebe-se, na prosa de Sena, contida mas comovida solidariedade com o desespero daquela mãe, personificação das dificuldades do povo caboverdiano, as quais o autor denuncia nas entrelinhas.

No conto “A Ilha que Perdeu o Equador”, a atmosfera adensa-se, ficando cada vez mais pesada. A visita a São Tomé é de um só dia, mas o lastro emocional aumenta progressivamente, em parte pelo tom testemunhal da narrativa. A natureza é esmagadora e inóspita. Nota-se a diferença entre São Tomé como terra sonhada no atlas recebido na infância, um espaço de liberdade, e a referência metafórica à “madrugada sem sol” no momento da chegada.

Estes textos, da primeira metade da década de 1940, demonstram uma postura independente e de denúncia anticolonial em Sena, intelectual avesso a modas e a filiações a quaisquer correntes literárias ou ideologias políticas, característica que manteve ao longo da vida, e que o conduziu ao exílio brasileiro, em 1959. Como defendido por Lourenço (1998):

é certo que Jorge de Sena não estava sozinho. ( ... ) Para aqueles que, sem serem apolíticos, se querem partidariamente independentes, a situação é angustiante: ou colaboram com a “política do espírito” de Ferro; ou suportam o espírito da política estalinista. Foi esta situação que Jorge de Sena viveu até se exilar, no Brasil, em Agosto de 1959. (pp. 140–142).

Com efeito, Sena exila-se voluntariamente no Brasil, para evitar as consequentes perseguições políticas de que seria alvo depois de participar numa tentativa falhada de golpe de estado. Nem de propósito, havia escrito, no já referido poema de 1956, os versos “eu não posso senão ser/desta terra em que nasci/embora ao mundo pertença” (Sena, 1958/2023, linhas 3–5). É no exílio que vive os seus primeiros anos em liberdade na vida adulta e que rasga novos horizontes que lhe permitem reconverter-se profissionalmente, substituindo a engenharia pelo ensino de literatura, e obtendo o grau de doutor em Letras.

Durante este período de seis anos, a sua atividade intelectual intensifica-se, ao mesmo tempo que reforça a participação cívica enquanto opositor ao regime do Estado Novo. Para além de integrar a direção da Unidade Democrática Portuguesa até 1961, participa também no conselho de redação do jornal *Portugal Democrático* até 1962, no qual publica regularmente textos de pensamento político-cultural. É precisamente neste período que Sena, a partir do percurso anterior e da experiência de imersão cultural no Brasil, começa a formular um pensamento estruturado sobre a aquela que ele denomina, à época, “comunidade luso-brasileira”<sup>5</sup>.

De acordo com Silva (2011), o *Portugal Democrático* contou, ao todo, com 37 textos da autoria de Sena, que “traduzem as múltiplas formas de intervenção política consideradas pelo escritor” (para. 3). Todavia, uma interpretação mais contextualizada e aprofundada destes textos permite compreender que, para além da sua dimensão política de oposição ao Estado Novo e ao colonialismo, os mesmos encerram também uma dimensão cultural fundada naquilo a que Sena chamava a “unidade cultural e linguística luso-brasileira”. De destacar “A Comunidade de Estados Portugueses”, publicado no Número 39, em agosto de 1960, que Sena já teria começado a redigir ainda em Portugal, mas que terá maturado com a sua experiência no Brasil. A partir da ideia de que seria necessário resolver a tensão colonial que colocava em risco o futuro de Portugal e “dos territórios que da nossa pátria dependem”, convoca a oposição democrática para tal tarefa e institui a restituição de liberdades e garantias como condição *sine qua non* para que se evite um “desastre incalculável” (Sena, 1960/2011, p. 95). Traçando um retrato do Portugal de então e das suas lideranças políticas, o intelectual demonstra que não bastaria o afastamento de Salazar para o país reverdecer no progresso, nem o cancelamento dos mecanismos de repressão do estado totalitário para que os diferentes grupos sociais, étnicos, religiosos e culturais dos então territórios portugueses conseguissem um entendimento fraterno. Ao invés, seria necessário repensar todo o sistema que unia de modo forçado estes povos e propor soluções. Sena prossegue com uma

<sup>5</sup> No tempo presente, e com a devida recontextualização e reatualização pós-coloniais, deveremos considerá-la como C(I)CLP.

crítica mordaz à mitologia imperial propagandeada enquanto estratégia de legitimação do poder de Salazar, para a seguir fundamentar a impossibilidade de “manter unido e submisso o imenso mundo português” (Sena, 1960/2011, p. 96) através do paternalismo colonialista ou pela força das armas. Na sua visão, o Exército Português, em vez de se preparar para uma guerra perdida, deveria tomar por missão garantir “dentro de uma estrutura totalmente democrática, a formação urgentíssima da Comunidade de Estados Portugueses” (Sena, 1960/2011, p. 97). Depois de enunciar nove pontos para a organização política desta comunidade de estados soberanos, Sena passa à proposta das suas bases constitucionais, que previam, no Artigo 5.º, a eleição de um presidente da Comunidade por sufrágio universal e direto em todos os países nela representados. De sublinhar que o Artigo 18.º, referente ao direito de secessão dos países participantes, bem como ao direito de depois se unirem a outros países, salvaguardava situações que promovessem “a realização da Comunidade Luso-Brasileira”, à qual Sena habitualmente se referia a partir da matriz cultural do seu pensamento. O autor termina este texto reafirmando a liberdade, a dignidade e a representatividade de todos os povos no interior da “Comunidade de Estados Portugueses”, e relembrando a necessidade de antecipar o futuro face aos novos rumos do mundo, para que Portugal, “à beira do desastre”, se pudesse reerguer “não pelo que foi ou julga que é, mas pelo que é de facto e pode vir a ser” (Sena, 1960/2011, p. 104).

Em 1965, Sena rumou com a sua família aos Estados Unidos, para lecionar na Universidade de Wisconsin, receando as consequências do golpe militar de 1964 no Brasil. Esta mudança coloca-o perante uma ambivalência: à oportunidade de ensinar e divulgar a cultura luso-brasileira nos Estados Unidos, opõe-se a circunscrição da sua atividade ao meio académico e ao círculo da emigração, que procura compensar com a intensa troca de correspondência com outros intelectuais portugueses e brasileiros. De acordo com Sá (2019), foi precisamente esta correspondência que lhe permitiu fazer-se ouvir nos meios literários portugueses. Talvez também por isso, em abril de 1968, *O Tempo e o Modo – Revista de Pensamento e Ação* arrisca trazê-lo à luz no seu Número 59, assumindo na “Nota de Abertura” que a homenagem prestada por quem considerava um privilégio ser contemporâneo de Sena valia bem a sua consequente impopularidade. Neste número, no qual Sena é a figura de capa, são-lhe dedicadas mais de 100 páginas, entre a já citada “Nota de Abertura”, artigos, ensaios assinados por António Ramos Rosa, Luís Francisco Rebelo, Eduardo Lourenço e João Rui de Sousa, poemas inéditos do autor — entre os quais “Em Creta com o Minotauro” —, uma peça com fragmentos do romance então inédito *Sinais de Fogo*, um estudo com inquérito a 39 poetas (respondido por 23) sobre o lugar de Sena na literatura e cultura portuguesas e uma entrevista de fundo ao homenageado. Em todas as peças, a liberdade de pensamento de Sena é ensaiada, mas só na entrevista foram encontradas alusões às suas ideias sobre a C(II)CLP. Sena refere o desinteresse internacional pelas literaturas em português como “herança dolorosa de uma língua encadeada no silêncio de si mesma, e que agora sai dela sobretudo pela importância internacional de que o Brasil se reveste” (Sena, 1968, p. 427), para adiante sugerir as literaturas portuguesa e brasileira “dentro de uma cultura e de uma língua” (Sena, 1968, p. 427).

Em 1970, já na condição de professor catedrático, acaba por se transferir para a Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, onde irá ocupar cargos de direção no Departamento de Espanhol e Português e no Programa de Literatura Comparada. Em 1972, ano do quarto centenário da primeira publicação de *Os Lusíadas*, receberia vários convites para participar como orador em conferências internacionais, que o levaram numa longa viagem de trabalho por diversos países, e que terminaria com uma estadia em Moçambique, durante três semanas do mês de julho, seguida de uma breve passagem por Angola. A chegada a Moçambique, onde a revista de poesia *Caliban*, com a qual Sena colaborava, acabara de ser proibida pela Administração Colonial, coincide precisamente com as comemorações oficiais do quarto centenário da primeira publicação da epopeia de Camões nessa então colónia, que decorriam sob a égide do Governador Geral. Convidado pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, Sena protagonizaria um programa alternativo a essas comemorações (Mendonça, 2024), proferindo quatro conferências em Lourenço Marques e uma na Beira, e participando num sarau de poesia na Ilha de Moçambique, naquilo que, de acordo com Cunha et al. (2018), constituiu um verdadeiro acontecimento antirregime. Da sua passagem por Moçambique, são de destacar duas das entrevistas que concedeu aos média: a primeira, publicada no diário *Notícias*, a 16 de julho; a segunda, gravada pela Rádio Clube de Moçambique, três dias mais tarde, mas que viria a ser censurada antes da sua transmissão.

No *Notícias*, chamava a atenção para “um problema a resolver antes de mais nada” (p. 10): apesar de a língua portuguesa figurar, à época, entre as seis mais faladas no mundo e, prospetivamente, vir a estar entre as quatro primeiras no final do século XX, “a magnitude e o peso do nosso idioma são largamente ignorados no mundo” (p. 10). Tal problema tinha as suas causas profundas em aspetos que o catedrático de Santa Bárbara, com a sua natural liberdade de pensamento, não se coibiu de enumerar de forma disruptiva. Afirmando que “em Portugal muita gente ainda não se convenceu [que] as línguas pertencem a quem as fala e a quem as escreve – não aos gramáticos” (p. 10), Sena procura lançar o debate sobre a apropriação da “norma culta” da língua portuguesa por parte de um Portugal culturalmente centralista.

À Rádio Clube de Moçambique, Sena sugere que o facto de Portugal e o Brasil se encontrarem de costas voltadas a nível cultural, e o não reconhecimento da produção cultural das então colónias na metrópole, eram também causas para a “cultura da língua” permanecer na sombra a nível internacional. A seu ver, tais situações não invalidavam que, por exemplo, se organizassem seletas com escritores e poetas de todos os espaços onde se falasse o português, que Rui Knopfli, natural e residente em Moçambique, fosse um dos maiores poetas de língua portuguesa desse tempo, ou que Eugénio Lisboa, também natural e residente em Moçambique, fosse um dos melhores críticos literários da sua geração. Ao longo de toda a entrevista, Sena recorre a metáforas e a elaborada retórica para apontar aqueles que considerava serem os remédios para males tão estruturais: desmitificar o passado histórico, refundando a “cultura da língua” numa História cientificamente fundamentada; compreender Camões a partir do seu valor literário, para ultrapassar a interpretação instrumentalizada da sua obra, que colocava em primeiro

plano a exaltação da expansão marítima portuguesa; e combater os nacionalismos culturais português e brasileiro, para que a C(I)CLP se realizasse.

### 3. JORGE DE SENA E A COMUNIDADE (INTER)CULTURAL DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS MÉDIA EM DEMOCRACIA

A partir da Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974, e depois de 15 anos de exílio, Sena, o crítico anti-fascista, *persona non grata* para o regime autocrático do Estado Novo e defensor da autodeterminação dos povos oprimidos pelo colonialismo português, almejava um lugar na construção da democracia, para conhecer finalmente a “cor da liberdade” do seu país, tal como expressa na conclusão do já citado poema de 1956: “mas, embora escondam tudo/e me queiram cego e mudo/não hei-de morrer sem saber/qual a cor da liberdade” (Sena, 1958/2023, linhas 11–14). Segundo Picchio (1998), os versos deste poema são, desde logo, uma “luz esclarecedora ( ... ) seguindo a isotopia da procura da liberdade, daquela cor da liberdade que, vinda alfim, não deixaria de o magoar e o decepcionar, embora entre inevitáveis alegrias” (para. 19).

Mécia de Sena — esposa e figura seminal na divulgação e promoção editorial da obra do autor — afirmava que Sena não contava com a revolução do 25 de Abril de 1974. Porém, “depois de feita, esperava que o chamassem a ajudar, mas verificou que não havia espaço para ele” (Pontes, 2005, 00:62:00). Mécia sustenta que Sena mergulhou numa desilusão, pois esperou anos pelo regresso ao país; contudo, foi mais uma vez excluído.

Em artigo de opinião intitulado “As Eleições”, publicado no *Diário Popular* de 28 de dezembro de 1974, Sena defende a realização próxima de eleições para a Assembleia Constituinte (que viriam a ter lugar a 25 de abril de 1975) como um momento imprescindível para legitimar e institucionalizar a revolução e a democracia pluralista, pugnando intensamente pelos seus valores, entre os quais se conta, necessariamente, a liberdade. Nessa medida, Sena considera que o Movimento das Forças Armadas<sup>6</sup> e o seu programa são essenciais a este processo democrático em curso, mas alerta para os perigos de excessiva apropriação do referido programa. Por outro lado, Sena condena aqueles que sob a capa da democracia procuram instrumentalizá-la através do regresso a governos autoritários. Teme ainda aqueles que no interior do MFA não confiavam inteiramente na democracia, colocando-se o intelectual do lado dos que dentro e fora do movimento lutam por ela, por todas as liberdades políticas, pela descolonização e pela justiça.

Neste artigo, Sena apela à participação do povo e considera importante que aqueles que votam na direita se expressem, dado que esta pode ser conservadora sem ser reacionária; assim como nem toda a esquerda progressista é comunista. Sena recusa-se a encarar a esquerda e a direita como dois blocos homogêneos e estanques, sublinhando, alternativamente, a diversidade no seio de uma e de outra.

Numa entrevista à RTP<sup>1</sup>, a 9 de setembro de 1976<sup>7</sup>, o escritor afirmou ao jornalista Joaquim Furtado que, quando se deu a Revolução de Abril, foi uma das pessoas

<sup>6</sup> Doravante MFA.

<sup>7</sup> O escritor estava de passagem por Portugal a propósito da participação, como convidado, num congresso internacional de escritores, que se reuniria em Grado, na Itália, em 1976.

que fizeram “o sermão da ocasião” (00:02:18) à comunidade portuguesa residente na Califórnia sobre o que se estava a passar em Portugal. Logo depois, esclarece também por que motivo não regressou após a revolução: “eu não vim porque ninguém me chamou, em segundo lugar porque tenho um lugar fixo [nos Estados Unidos, como professor catedrático] e em terceiro porque não pediria a ninguém” (00:07:03). Sena enfatiza que, na sua primeira visita a Portugal após a revolução, em julho de 1974, fez questão de não visitar os amigos bem posicionados no novo governo, “para ficar bem claro que não vinha a Portugal sacudir a árvore das patacas” (00:07:36). Neste tom crítico, Sena reforça o seu espírito livre e independente, não sem amargura e mordacidade, num exercício discursivo que lhe era característico, isto é, o da transparência e liberdade de pensamento e de sentimento de injustiça pelo insuficiente reconhecimento do seu mérito artístico e intelectual, por se alicerçar num percurso autodidata: o do engenheiro que se tornara poeta.

Por seu turno, a 6 de maio de 1977, numa entrevista conduzida por João Alves Costa para o *Diário Popular*, Sena, de passagem por Lisboa na sequência do recebimento do Prémio de Poesia em Catânia, Itália, aproveita a ocasião para sublinhar que a referida distinção decorreu de um prémio dado por um júri que reconheceu os seus méritos e não da participação num concurso. Esclarece que apenas concorrera uma vez a um certame literário para vincar a sua posição como opositor ao Estado Novo. João Alves Costa pergunta-lhe “como sentiu a honra internacional recebida” e Sena dispara sem tibiezas, como era seu timbre: “em certa medida serve de recompensa para as homenagens nacionais que não tenho nem solicitado” (p. 28).

Sobre a possibilidade de se radicar em Portugal, Sena afirmou o seguinte: “esse problema não me compete a mim e já não acredito — aliás nunca acreditei — que Portugal alguma vez pensasse nisso” (p. 28). Nesta peça, o escritor salvaguarda a razão pela qual aceitou a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, concedida pelo Presidente da República: “ao aceitar a Comenda da Ordem do Infante solidarizei-me com os outros emigrantes distinguidos comigo” (p. 28). Essa posição comprometida com aqueles que, como ele, eram emigrantes, coabita com alguma mágoa por nunca ter sido convidado por entidades oficiais a regressar a Portugal e dialoga com o discurso que permeia a entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, a 2 de junho de 1977, conduzida por Manuel Poppe. O jornalista não resiste a apontar que Sena viva fora de Portugal, lecionando numa universidade estrangeira. Sena defende que ser-se independente intelectual e ideologicamente acarreta o risco de exclusão e que o preço dessa liberdade é ser-se denegrido e, portanto, votado ao esquecimento e à invisibilidade.

Há uma coisa que em Portugal se não perdoa que é a total independência. A independência em Portugal paga-se extremamente cara. Nós temos, em Portugal, de pertencer a qualquer casa da comarca de qualquer coisa, seja um grande partido político ou seja um grupo onomástico. Se não pertencemos a qualquer destas coisas estamos perdidos. (Sena, 1977, para. 1)

É neste testemunho que encontramos, também, como Sena considerava a poesia e a literatura formas de expressão da sua liberdade, uma vez que, para ele, esses discursos

eram social e politicamente comprometidos, ainda que não implicassem um posicionamento partidário definido.

Uma das últimas intervenções públicas de Sena em Portugal aconteceu a 10 de junho de 1977, nas comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, que decorreram na cidade da Guarda, a convite do então Presidente da República, General Ramalho Eanes. No célebre “Discurso da Guarda”, aponta a língua portuguesa como “uma das seis grandes línguas do mundo”, frisando que Camões foi o maior poeta da língua, e um dos maiores de sempre, embora o resto do mundo não o saiba, numa clara alusão à falta de reconhecimento da importância da “cultura da língua portuguesa” no mundo. Um pouco adiante, sinaliza a liberdade como palavra-chave da sua pessoa e da sua obra, para a seguir problematizar e enaltecer a diversidade das comunidades portuguesas no mundo, e denunciar não só o velho centralismo lisboeta, como também a histórica e psicanaliticamente explicável falta de arcabouço dos portugueses para lidar com essa mesma liberdade. Sena sugere que é em Camões, e na compreensão d’*Os Lusíadas* em toda a sua extensão e profundidade, que se deve procurar transformar este estado de coisas e resolver os impasses do processo de construção da identidade nacional no pós-25 de Abril: interpretando e aceitando as contradições da história do país e do próprio ser humano, tal como Camões o fez na sua obra, com sentido de liberdade e justiça. De referir que esta intervenção pública de Sena conheceu alguma cobertura mediática na imprensa nacional<sup>8</sup>, embora à sombra das intervenções dos políticos nas mesmas comemorações. Na imprensa local, nomeadamente no *Jornal da Guarda*, não seria feita qualquer referência à presença de Sena ou ao seu discurso na cobertura das comemorações do 10 de junho nesta cidade.

#### 4. HOMENAGENS PÓSTUMAS E RITUALIZAÇÕES DA MEMÓRIA

Sena morreria um ano após esse discurso, na Califórnia, nos Estados Unidos, sem o reconhecimento pela sua obra e sem fazer as pazes com a pátria que o proscreeu. Vieira (2020) demonstra que, a 4 de junho de 1978, a imprensa portuguesa render-se-ia à inevitabilidade da cobertura da sua partida: “a morte de Jorge de Sena foi ruidosa” (p. 69) — desde as primeiras páginas de todos os diários, editoriais, abertura de telejornal, a um programa especial na RTP. Ao analisar essa cobertura, a autora nota que a ideia transmitida pelos média foi a de que o país não se afastou de Sena, uma vez que “pelo menos a elite intelectual e política testemunhada pelos jornais, presente na imprensa, foi unânime no louvor à obra do Poeta, à importância da intervenção pública de Sena” (p. 82). Não obstante, “isso não retira legitimidade ao sentimento de injustiça em relação ao silêncio da crítica especializada sobre a obra de Jorge de Sena, não minimiza o sofrimento de ‘mal de amores’ pátrios de que falam os seus amigos” (p. 82).

A análise do programa especial do magazine *A Ideia e a Imagem*, transmitido pela RTP a 16 de junho, permite compreender a ênfase dada à sua “vida difícil”, ao mesmo tempo que lhe era reconhecida genialidade por personalidades como Fernando

<sup>8</sup> *Diário de Notícias* de 13 de junho de 1977.

Guimarães, Sophia de Mello Breyner Andresen e Agustina Bessa Luís. Todavia, a sua extensa e diversificada produção intelectual é referida por vários intervenientes como pouco lida e conhecida. Óscar Lopes, seu cunhado, opta por falar mais de aspetos pessoais do percurso de Sena, realçando as suas invulgares capacidades e as contradições da sua personalidade, para concluir que o homenageado era muito mais falado do que efetivamente conhecido. Na segunda metade do programa, Álvaro Manuel Machado, seu autor, nota que a componente ensaística da obra de Sena era desconhecida e que mereceria ser estudada para uma melhor compreensão do seu legado intelectual.

Em 2005, a RTP exibiu o documentário *O Escritor Prodigioso* de Joana Pontes, que tece uma narrativa que resgata a vida e obra de Sena. Biografia, traços de personalidade e modos de produção poética são evocados através de imagens de arquivo e de testemunhos de pessoas que lhe foram próximas, como Fernando Lemos, Hélder Macedo, Eduardo Lourenço ou João Bénard da Costa.

Em setembro de 2009, os restos mortais do escritor foram trasladados dos Estados Unidos para o Cemitério dos Prazeres, em Lisboa. Sobre este acontecimento, o *Diário de Notícias* escreveu que, tanto Eduardo Lourenço, como o então ministro da Cultura, José Pinto Ribeiro, afirmaram que foi “um ato de reparação e reconciliação” que termina “a sua condição de exilado do nosso país” (“Póstuma Reconciliação com Jorge de Sena”, 2009, para. 2). O artigo sugere ainda que o regresso de Sena a Portugal estaria a fomentar um novo interesse pelo seu legado: a Editora Guimarães iria reeditar a obra completa, depois de José Saramago “ter chamado a atenção para o esquecimento que se abatia sobre o escritor, sobretudo entre as gerações mais jovens” (“Póstuma Reconciliação com Jorge de Sena”, 2009, para. 7).

O artigo publicado, em 2018, no *website* Comunidade Cultura e Arte, “A Liberdade na Vida e Obra de Jorge de Sena”, destaca que o autor, com “certo rasgo revolucionário, contra as estruturas amorfas e repressivas do Estado Novo ( ... ) transporta o fenómeno, a ocorrência, o efeito da liberdade para o auge daquilo que é a sua vida e obra” (para. 1).

Contudo, em 2019, ano do centenário do nascimento de Sena, estranhava-se o silêncio mediático a que as suas vida e obra estavam votadas. Em novembro, o jornal *Público* dedicou-lhe um *Especial* com oito artigos e ensaios<sup>9</sup>: *Jorge de Sena: O Século de um Intelectual Indispensável*. No texto inicial, a 2 de novembro, “Jorge de Sena: O Gigante Indigesto da Cultura Portuguesa”, o jornalista Luís Miguel Queirós (2019) salienta esse silêncio na esfera pública mediática e na academia.

Jorge de Sena nasceu há exactamente cem anos, no dia 2 de Novembro de 1919, e a julgar pela pouca visibilidade que até este momento têm tido as comemorações do seu centenário, se de comemorações se pode falar, é possível que o seu amigo Eduardo Lourenço se tenha precipitado quando, em Abril de 1968, profetizava na revista *O Tempo e o Modo*: “E os tempos estão próximos, ou já chegaram, em que o urso mal lambido das

<sup>9</sup> Para esta análise consideramos somente os artigos publicados de 2 a 9 de novembro de 2019, visto que, na página principal desse *Especial* foram, posteriormente, associados outros artigos em 2020 e em 2021, onde aparece o nome Jorge de Sena.

nossas letras receberá as flores tardias da admiração com salário dobrado”.  
(Queirós, 2019, p. 2)

Nesse artigo, Queirós (2019) defende que “o truculento e humaníssimo Minotauro das letras portuguesas continua por domar” (p. 2), na medida em que, não obstante os vários estudos académicos que têm refletido sobre o seu trabalho, a obra “poliédrica e colossal não encontrou ainda uma pacificada leitura global, e o lugar absolutamente cimeiro que ocupa na cultura portuguesa do século XX” (p. 2).

Os restantes artigos deste *Especial* tratam das várias facetas do autor. “O Poeta em Sena” enaltece o “papel preponderante que a criação poética desempenhou no conjunto da sua obra”, caracterizada pelo “amor extremo (por vezes extremado) pelo Humano e sua dignidade” (Frias, 2019, para. 5). “O Poeta Não É um Fingidor” afirma existir em Sena a “determinação em explorar o novo mundo aberto por Pessoa” (Martins, 2019, para. 5), concluindo ter sido ele o crítico que mais contribuiu para a compreensão da obra deste vulto do modernismo português. “Um ‘Realismo que Não Recua’: A Ficção de Jorge de Sena” enfatiza o intelectual “na sua desmesura quase inabarcável” (Pereira, 2019, para. 1), como poeta que não resistiu à prosa ficcional, sendo esta sobretudo de natureza testemunhal. Em “O Crítico Prodigioso”, Meirim (2019) explora a vastidão da obra crítica de Sena, na qual “é possível reconhecer a prática persistente de ( ... ) ‘elucidar’, ‘corrigir’, ‘desmentir’ e ‘analisar’ ( ... ) [pois] Sena falou de tudo, de todos e da maneira que entendeu ser a certa” (para. 1). “Jorge de Sena, Antologista” destaca também “o silêncio em relação a Jorge de Sena ao longo deste centenário do seu nascimento” (Vasconcelos, 2019, para. 2), lembrando que a vasta obra do autor foi, em parte, dedicada à denúncia das políticas do Estado Novo e sempre pautada pela defesa da liberdade de pensamento. “Jorge de Sena e o Brasil” problematiza a complexa mas produtiva relação do intelectual com este país, a partir da qual propôs “programas de acção que aproximem os dois países, combatendo ( ... ) o mútuo preconceito e desconhecimento” (Silvestre, 2019, para. 8), validando a sua visão sobre os primeiros passos para a construção da C(I)CLP. Finalmente, “A Política em Sena”, de António Araújo, evidencia as contradições da sua personalidade e da sua trajetória, nas quais estaria em falta um pensamento político estruturado, apesar dos seus declarados antifascismo e anticolonialismo. Este posicionamento é especialmente notório em “A Comunidade de Estados Portugueses”, texto em que Sena defendia a autodeterminação dos povos colonizados numa concertação ao estilo da Commonwealth.

Em 2001, a cátedra Jorge de Sena e o Programa de Pós-Graduação em Línguas Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro criaram a revista *Metamorfoses*, que ainda se publica, em sua homenagem. Também nesta universidade, por iniciativa de um grupo de personalidades liderado pela Professora Gilda Santos, destaque-se o projeto pioneiro, nascido em 2010, que procura cruzar o interesse académico com a vontade de mais ampla divulgação da obra de Sena junto ao público em geral: o projeto *Ler Jorge de Sena*, plataforma digital dedicada à hermenêutica e à heurística dos diversos itinerários senianos, não se cingindo à literatura. *Ler Jorge de Sena* constitui um dos maiores

repositórios digitais de um autor de língua portuguesa, servindo como preciosa fonte de pesquisa e como meio de divulgação da vida e obra do “escritor prodigioso”.

## 5. CONCLUSÕES

Esta investigação pretendeu dar um contributo para a compreensão das razões que conduzem a que o pensamento de Sena sobre a C(I)CLP, componente estruturante do seu legado intelectual, permaneça na sombra. Acompanhando o seu itinerário intelectual ao longo do tempo, bem como o período após a sua morte, o mapeamento e interpretação das principais peças nos média assinadas por Sena, ou sobre ele, serviram para testar a hipótese de uma das razões para o seu pensamento sobre a C(I)CLP continuar invisibilizado se relacionar com o tratamento dado pelos média a este intelectual.

Sena em nome próprio e em discurso direto, em títulos da imprensa especializada ou de oposição ao regime, exerceu corajosamente a sua liberdade de pensamento com propostas para a construção de um Portugal democrático e pós-imperial, capaz de realizar-se no seu melhor, ou seja, na sua língua e na sua cultura e, consequentemente, no seu contributo inestimável para a constituição da C(I)CLP, na qual participariam também os outros países onde se fala o português e as diásporas de língua portuguesa espalhadas pelo mundo. Essas propostas, que são trazidas à luz sobretudo a partir do seu exílio no Brasil, tiveram a sua genealogia logo no início do seu itinerário intelectual, no qual cedo revelou que os territórios coloniais e as suas culturas figuravam entre os seus principais interesses. A relevância das críticas literárias inaugurais de Jorge de Sena e dos seus primeiros contos-crónica sobre África reside no germinar de uma ideia de liberdade aplicada àquela que virá a ser a C(I)CLP, não referida nestes termos nessas peças textuais, nas quais se acentua, contudo, a necessidade de uma coexistência. No entanto, este pensamento encontra-se muito pouco estudado e ainda menos divulgado, não só na academia, como também nos média. Por outro lado, peças sobre Jorge de Sena nos média tendem a focar a atenção mais no seu percurso de vida, ou na falta do reconhecimento que lhe é devido, do que nas propostas baseadas na sua liberdade de pensamento.

Curiosamente, é no período ditatorial que Sena melhor exprime essa liberdade de pensamento sobre a C(I)CLP nos média. Entre 1974 e 1978, as suas aparições nos média centram-se mais na construção da democracia em Portugal e na desilusão de não poder participar nela. Depois da sua morte, é na sua personalidade, no seu percurso de vida, ou no seu apagamento, que os média mais se focam, sem quase nunca destacar o conteúdo do seu pensamento.

Assim, os média, munidos da sua lente de recorte (*framing*), que ora exclui, ora enfatiza determinados aspetos, atuam como meios de (in)visibilização na esfera pública discursiva, criando narrativas sobre Sena que pouco contribuem para o conhecimento acerca do seu itinerário intelectual, e ainda menos acerca do seu pensamento sobre a C(I)CLP.

Sena foi um viajante em busca de liberdade, à imagem de Camões, poeta que celebrou através dos seus estudos e da sua poesia. A ambos poderiam até roubar-lhes tudo, menos a liberdade de pensamento e o amor por uma língua e uma cultura que Sena imaginava haver de ser comunidade.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem, reconhecidos, os contributos de Gilda Santos, André Corrêa de Sá e Pedro Pimenta de França para esta investigação.

## REFERÊNCIAS

- Baltrusch, B. (2019). Sobre o poético e o político em Jorge de Sena. *Santa Barbara Portuguese Studies*, 7, 1–16.
- Berger, P., & Luckmann, T. (1966). *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. Anchor Books.
- Boschi, C. (2022). Antecedentes históricos da CPLP – Primórdios da comunidade. In L. B. da Silva Moreira & R. F. Tavares (Eds.), *Nos 25 anos da CPLP. Estudos em homenagem a José Aparecido de Oliveira e Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza* (pp. 31–55). Academia Mineira de Letras; Editora Del Rey.
- Cunha, L., Macedo, L., & Cabecinhas, R. (2018). Flows, transits and (dis)connection points: Contributions toward a critical Lusophony. *Comunicação e Sociedade*, 34, 165–182. [https://doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2942](https://doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2942)
- Jackson, K. D. (2020). A grande peregrinação de Jorge de Sena. *Revista Língua-Lugar*, (2), 156–171.
- Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2014). *The elements of journalism: Revised and updated*. Three Rivers Press.
- Lima, H. (2013). Meios de censura e formas de condicionamento do jornalismo na ditadura portuguesa. *Média & Jornalismo*, 12(23), 105–117.
- Lourenço, J. F. (1987). *O essencial sobre Jorge de Sena*. INCM.
- Lourenço, J. F. (1998). Nem eu delicadezas vou contando. Sobre a fortuna de Jorge de Sena nos anos 40. In *Jorge de Sena 20 anos depois. O colóquio de Lisboa* (pp. 141–158). Câmara Municipal de Lisboa; Edições Cosmos.
- Macedo, L. (2023, 30 de março). Jorge de Sena em entrevista à Rádio Clube de Moçambique (19/07/1972). Desmitificar o passado e ultrapassar o nacionalismo para edificar uma cultura da língua portuguesa. *Ler Jorge de Sena*. <http://www.lerjorgedesena.letras.ufrj.br/ressonancias/jorge-de-sena-em-entrevista-a-radio-clube-de-mocambique-19-07-1972-desmitificar-o-passado-e-ultrapassar-o-nacionalismo-para-edificar-uma-cultura-da-lingua-portuguesa/>
- Macedo, L., & Moreira, N. B. (2024). Jorge de Sena de olhos postos em África para uma comunidade (inter) cultural de língua portuguesa: Início de um itinerário intelectual. In C. Camponez & M. Oliveira (Eds.), *Anuário internacional de comunicação lusófona 2023/2024* (pp. 16–35). CECS; Lusocom; Sopcom.
- Mendonça, F. (2024). Metamorfoses de Camões na Costa Austral do Índico. *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, 28, 103–111.
- Picchio, L. S. (2012, 16 de fevereiro). Jorge de Sena e a cor da liberdade. *Ler Jorge de Sena*. <http://www.lerjorgedesena.letras.ufrj.br/ressonancias/24-jorge-de-sena-e-a-cor-da-liberdade/>
- Pontes, J. (Realizadora). (2005). *O escritor prodigioso*. Laranja Azul.
- “Póstuma reconciliação com Jorge de Sena”. (2009, 12 de setembro). *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/artes/livros/postuma-reconciliacao-com-jorge-de-sena-1359832.html/>
- Sá, A. C. (2019). Acordar os vizinhos: Sobre os exílios de Jorge de Sena. *Eutomia*, 25(1), 125–141.

- Santos, G. (2019). Jorge de Sena entre nós. *Metamorfoses – Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros*, 16(3), 22–26.
- Sena, J. (1960). *Andanças do demónio*. Guerra & Paz. (Trabalho original publicado em 1942)
- Sena, J. (1977, 2 de junho). A independência em Portugal paga-se com a vida [Excerto citado em Livrologia, “A independência em Portugal paga-se com a vida”]. *Diário de Notícias*.
- Sena, J. (1988a). *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Edições 70.
- Sena, J. (1988b). *Metamorfoses*. Edições 70.
- Sena, J. (2011). A comunidade de estados portugueses. In J. F. Lourenço (Ed.), *Rever Portugal, textos políticos e afins* (pp. 95–104). Guimarães Editora. (Trabalho original publicado em 1960)
- Sena, J. (2023). *Fidelidade*. Assírio & Alvim. (Trabalho original publicado em 1958)
- Silva, D. M. (2011, 29 de janeiro). Jorge de Sena e o Portugal Democrático. *Ler Jorge de Sena*. <http://www.lerjorgesena.letas.ufjf.br/ressonancias/jorge-de-sena-e-o-portugal-democratico/>
- Vieira, I. E. (2020). “Fazem cá um barulho com a morte do gajo!”: A morte de Jorge de Sena na imprensa portuguesa. In G. Santos, L. Ruas, & T. C. Cerdeira (Eds.), *Sena & Sophia: Centenários* (pp. 69–82). Bazar do Tempo.

## NOTAS BIOGRÁFICAS

Lurdes Macedo é doutorada em Ciências da Comunicação com especialização em Comunicação Intercultural pela Universidade do Minho, tendo realizado pós-doutoramento em Comunicação para o Desenvolvimento na mesma universidade. É atualmente investigadora integrada do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias e professora auxiliar na Universidade Lusófona — Centro Universitário do Porto, onde leciona desde 2008. Lecionou também na Escola Superior de Educação de Viseu e na Universidade Politécnica de Maputo. Tem como principais interesses de investigação: comunicação intercultural, comunicação e cultura para o desenvolvimento, participação feminina em processos de desenvolvimento, identidades culturais e espaço cultural de língua portuguesa. Foi investigadora de vários projetos do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade na área da comunicação intercultural entre 2009 e 2022. Foi coordenadora do projeto *Vozes em Rede: Participação de Mulheres em Processos de Desenvolvimento* (2022–2023) no Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1577-1313>

Email: [lurdes.macedo@ulusofona.pt](mailto:lurdes.macedo@ulusofona.pt)

Morada: Universidade Lusófona, Centro Universitário do Porto, Rua Augusto Rosa, 24, 4000-098 Porto, Portugal

Nuno Bessa Moreira nasceu no Porto em 1976. Licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1999. Concluiu o mestrado em História Moderna, com uma tese sobre o Cardeal D. Henrique (1539–1578), em 2004. Em

fevereiro de 2013, prestou provas públicas de doutoramento em História, sob a orientação do Professor Doutor Armando Luís de Carvalho Homem, incidente sobre a *Revista de História* (1912/1928), um periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo. Concluiu, em 2016, o Curso de Defesa Nacional, tendo defendido o trabalho de investigação final em provas públicas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5689-0282>

Email: [p5679@ulusofona.pt](mailto:p5679@ulusofona.pt)

Morada: Universidade Lusófona, Centro Universitário do Porto, Rua Augusto Rosa, 24, 4000-098 Porto, Portugal

Vanessa Ribeiro-Rodrigues é doutorada em Estudos em Comunicação para o Desenvolvimento, abordando o cruzamento entre o documentário social e o jornalismo, para dar visibilidade a grupos socialmente oprimidos, na linha das contraesferas públicas. É investigadora integrada do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias, professora auxiliar na Universidade Lusófona — Centro Universitário do Porto, onde leciona desde 2014, e professora auxiliar convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Lecionou, igualmente, na Universidade do Minho. Documentarista e escritora, as suas áreas principais de investigação incidem sobre os estudos dos média, estudos de narrativa, jornalismo e desenvolvimento humano, contraesferas públicas, ativismos e literacia dos média. Atualmente, colabora em dois projetos de investigação financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia: *FEMglocal* e *YouNDigital*.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7261-017X>

Email: [vanessa.rodriques@ulusofona.pt](mailto:vanessa.rodriques@ulusofona.pt)

Morada: Universidade Lusófona, Centro Universitário do Porto, Rua Augusto Rosa, 24, 4000-098 Porto, Portugal

**Submetido: 30/11/2023 | Aceite: 27/11/2024**



*Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.*